

PRIMEIRO BARÃO DO RIO BONITO
JOAQUIM JOSÉ PEREIRA DE FARO (1786-1843)

Copyright © Leila Vilela Alegrio, 2025

*Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os
meios empregados, sem a autorização prévia e expressa do autor.*

EDITOR João Baptista Pinto

REVISÃO Ana Paula Silva Botelho de Macedo

CAPA Maria Clara Fagundes
Gravura: Travessia do café de barco no
rio Paraíba do Sul. *Linde, Carlos.m. 1873.*
Acervo Biblioteca Nacional.

PROJETO GRÁFICO/EDITORAÇÃO Luiz Guimarães

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A346p

Alegrio, Leila Vilela, 1952-

Primeiro Barão do Rio Bonito: Joaquim José Pereira de Faro (1786-1843): sonhos
e ambições de um jovem imigrante / Leila Vilela Alegrio. - 1. ed. - Rio de Janeiro:
Letra Capital, 2025.

448 p. ; 15,5x23 cm.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5252-184-2

1. Rio Bonito, Joaquim José Pereira de Faro, Barão do, 1768-1843. 2. Barra do Pirai (RJ)
- História. 3. Genealogia. I. Título.

CDD: 929.108153

25-99716.0

CDU: 929.52(815.3)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

LETRA CAPITAL EDITORA
Tels.: (21) 3553-2236 / 2215-3781 / 99380-1465
www.letracapital.com.br

Leila Vilela Alegrio

PRIMEIRO BARÃO DO RIO BONITO
JOAQUIM JOSÉ PEREIRA DE FARO (1786-1843)
Sonhos e ambições de um jovem imigrante

LETRAPITAL

Agradecimentos

o meu amigo Adriano Novaes, que, há muitos anos, me acompanha nos meus trabalhos, contribuindo sempre com os seus saberes históricos, com a sua arte, e o estímulo, tão necessários para que eu continuasse minhas pesquisas.

Ao senhor Hélio Rodrigues Figueiredo Junior, que me doou fotos e indicação de livros de seu acervo,

Ao José Maria do Arquivo Municipal de Piraí, que garimpou alguns documentos que trouxeram novas informações a este livro.

À sempre presente Isabel Rocha que, ao longo da minha peregrinação pelos arquivos de Vassouras, não só por suas relevantes análises críticas e constantes.

Ao Sr. Pedro Rocha, que, mais uma vez, me cedeu documentos, os quais ele fotografou.

Ao amigo Eduardo Cavalcante, que me orientou na busca de documentos.

A todos os funcionários do Arquivo Nacional e do Museu da Justiça do Rio de Janeiro, solícitos e generosos.

Ao Sr. Rui Gomes Coelho, do centro de arqueologia, da Universidade de Lisboa, que descobriu na biblioteca nacional do Rio de Janeiro, um importante mapa de 1827.

*Dedico este livro às minhas amigas
Elisabeth Wienen e Maria Luiza Leão
por terem entrado na minha vida
com suas generosidades e me transmitido
seus ensinamentos do saber viver.*

Sumário

<i>Apresentação</i>	9
<i>Prefácio</i>	11
<i>Capítulo 1</i> Um lugar chamado Barra do Piraí	13
<i>Capítulo 2</i> Joaquim José Pereira de Faro Primeiro Barão do Rio Bonito 1768-1843	41
<i>Capítulo 3</i> A Família Darrigue	153
<i>Capítulo 4</i> Os filhos do Primeiro Barão do Rio Bonito	161
<i>Capítulo 5</i> Netos e Netas do Primeiro Barão do Rio Bonito	253
<i>Capítulo 6</i> O Bisneto e as Bisnetas do Primeiro Barão do Rio Bonito	411
Considerações finais	443
Glossário	445

Apresentação

Leste livro foi escrito por duas etapas. A primeira mostrar a ascensão social, econômica e política de Joaquim José Pereira de Faro (1º Barão do Rio Bonito), depois de sua chegada ao Brasil. À segunda mostrar os rumos tomados por seus descendentes. Em relação à família já foram produzidos diversos artigos e poucos livros que contam um pouco da história de Joaquim e seus descendentes. A intenção de Leila é traçar a caminhada de Joaquim, disponibilizando informações obtidas, através de periódicos e documentos, que retratam seus primeiros anos no Rio de Janeiro, como comerciante e contratador dos dízimos reais e posteriormente desbravador de terras em Barra do Piraí, onde fundou duas fazendas.

A segunda razão levantar as atividades de seus filhos e suas ligações familiares, com pessoas importantes da corte do Rio de Janeiro, destacando-se as famílias Vergueiro, Clemente Pinto, Mattos e Lage. Os descendentes do 1º Barão do Rio Bonito, também foram empreendedores e participaram entre outras em diversas ações culturais, filantrópicas e obras públicas. Participaram como grandes cafeicultores no Vale do Paraíba Fluminense sempre se destacando nos diversos certames e exposições ao qual se fizeram representar.

Por último destaca-se o trabalho de pesquisa realizado para a elaboração deste livro, que mostra toda a força da família Faro no Brasil Imperial.

José Maria Lemos

Prefácio

Em minhas outras publicações, ao prefaciá-las, me ocupei em fazer um pequeno resumo do tema do livro, que abordava famílias de fazendeiros do Vale do Paraíba Fluminense. Porém, agora, além dessas pequenas explicações sobre o conteúdo do livro, desejo esclarecer o que fez uma professora de química orgânica se voltar para a história, depois de vinte sete anos dentro de um laboratório de química, dentre os quais, vinte quatro anos em sala de aula.

Foi depois de acontecimentos muito tristes que resolvi sair para fotografar as antigas casas de fazendas do século XIX.

As fotos não me bastaram. O contentamento e a alegria que sentia a cada vez que visitava uma dessas preciosidades, me despertava uma imensa curiosidade de saber quem ali habitou, como eram seus dias, e por que tudo acabou, como o despertar de um sonho.

De arquivo em arquivo, iniciei minha incansável busca pelas respostas que procurava.

Ainda hoje, me surpreendo com as descobertas que, ao longo desses anos, tenho feito, principalmente, de que, na escola, não me ensinaram a verdadeira história do nosso país, tão rica, da nossa cultura, de nossa culinária e música, seja por tantos escravizados vindos das Costas da África, seja pelo enorme contingente de europeus, que, aqui, aportaram com o sonho de terem terras, poder e riquezas, deixando, atrás de si, o rastro de vergonha da escravidão. Estes são os fatos, que, de forma rasteira, nos ensinam nas escolas.

Mas, foi mergulhando na imaginação que me deixei apaixonar pelo o que não nos contaram/contam.

Fazendo um passeio nessa fantasia, criei uma verdadeira fita em quadrinhos, onde desenhei aventureiros subindo a serra, por meio de trilhas feitas pelos indígenas até as margens do rio Paraíba, já acompanhados de alguns escravos e, em algum lugar no meio da mata, disseram: *Aqui hei de abrir minha fazenda, construir minha casa e criar meus filhos, e, sem dúvida, um dia ficar rico.*

Agora, mãos à obra: derruba matas, separa as madeiras de lei, põe fogo no que resta, e prepara o solo para plantar.

Açoita o escravo, teme ser morto por ele, pelos indígenas e pelos animais selvagens, se torna um deles, mas o grão já fora lançado a terra, na plenitude de uma imensa solidão que o cercava.

Logo a casa se levanta, a família cresce junto com a lavoura e a riqueza, e o escravo no eito....

As primeiras colheitas, e o escravo no eito...., e assim, até o fim dos seus dias.

A fortuna, a política, os favorecimentos, o reconhecimento social, os títulos de nobreza e o fim da linha...

Tudo efêmero, como a própria vida.

Assim foi a trajetória desses homens que deram ao Brasil, o que somos: ricos em cultura e na desigualdade social. Por tudo isso, temos muito o que agradecer e muito o que lamentar, mas uma coisa é certa: não poderemos jamais fugir da nossa realidade passada e presente, no entanto, podemos, se quisermos, traçar um caminho melhor para o futuro, não nos esquecendo, jamais, do passado.

Voltando para mais uma história familiar. Esse pequeno núcleo que, como um retalho junto a tantos outros, deixou fragmentos da sua história, a qual merece ser contada.

Joaquim José Pereira de Faro, português, chegou ao Brasil, no final do século XVIII, se estabeleceu no comércio do Rio de Janeiro, casou-se, formou família, adquiriu terras, fundou várias fazendas, abriu caminhos, entrou para a política, ficou rico e muito influente, e morreu, deixando um enorme legado para seus filhos.

No decorrer dessa história, muitos assuntos foram abordados de forma sucinta, deixando uma porta aberta e dando subsídios para o aprofundamento daqueles que, futuramente, queiram estudá-los.

Os detalhes dessa trajetória estão, aqui, humildemente escritos, na medida do possível, na disponibilidade de documentos que, certamente, não foram esgotados, mas como um pontapé para aqueles que se dedicam à nossa história.

Sendo assim, convido o leitor que venha se apaixonar por mais essa história familiar.

Capítulo I

Um lugar chamado Barra do Piraí

Para se falar da família Faro, é imperioso abordar Barra do Piraí. Meu desejo foi usar poucas palavras para descrever aquelas terras que foram habitadas por indígenas que, repentinamente, foram expulsos das suas terras para dar lugar aos ambiciosos homens que desciam das Minas Gerais, após a exaustão da exploração de ouro e pedras preciosas, e por aqueles que subiam a serra pela primeira estrada que levava outros homens até as margens do rio Paraíba.

Aqui, quero deixar alguns registros das imagens que mostram o desenvolvimento daquelas terras que faziam parte da Fazenda de Santa Cruz, também, conhecida por Fazenda Imperial de Santa Cruz, ou Fazenda Real de Santa Cruz, ou ainda, por Fazenda Nacional de Santa Cruz.

A enorme extensão de terras que foi concedida a Christovão Monteiro, em 1556, e, posteriormente, passou a ser propriedade da companhia dos Jesuítas e que, depois da expulsão destes pelo Marquês de Pombal, passou para a coroa Portuguesa, a partir da chegada de D. João VI ao Brasil.

Porém, é mister dizer que muitas sesmarias foram doadas, ao final do século XVIII, naqueles sertões à margem do rio Paraíba.

Havia por um lado, o interesse do reino de Portugal tornar habitável o maior número de terrenos para a agricultura, e, de outro lado, os mineiros que procuravam outras formas de manter e ou aumentar suas fortunas adquiridas na mineração.

Assim, foi a partir da vila de São João Marcos, mais tarde chamada de São João do Príncipe, que foram surgindo vilarejos, por meio das estradas que iam em direção às províncias de São Paulo e de Minas Gerais.

O caminho de São João Marcos, que saía da vila de Mangaratiba à vila de São João Marcos e que se dirigia até a vila de Rio Claro, no Rio de Janeiro, tem grande importância para a história do Brasil.

D. Pedro Primeiro, ao sair do Rio de Janeiro, em agosto de 1822, em direção a São Paulo, pernoitou, primeiramente, no palácio de Santa Cruz. No dia seguinte, partiu de lá, indo até a vila de São João Marcos, dirigindo-se para Rio Claro pernoitando na fazenda de Santo Antonio da Olaria¹, então propriedade de Hilário Nogueira², e, mais tarde, pertencente a Joaquim José de Souza Breves. Seguiu de lá, diretamente, para a província de São Paulo, em companhia de alguns fazendeiros, a exemplo do futuro barão do Rio Bonito, Joaquim José Pereira de Faro, para decretar a independência do Brasil.

As primeiras sesmarias foram concedidas em 1761 e 1765 a Antonio Pinto de Miranda e a Francisco Pernes Lisboa, respectivamente transcritas no livro de Gilson Baumgratz³, mas não foram estes pioneiros que dominaram a região da Barra do Piraí, mas sim, as famílias dos Gonçalves de Moraes e os Pereira de Faro.

Joaquim José Pereira de Faro, futuro barão do Rio Bonito, que não sabemos ao certo, porque tinha propriedades em São João Marcos, começou a requerer em sesmarias terras que estavam localizadas no atual município de Barra do Piraí, que pertenciam, à época, à vila de Valença.

Foi ali que Joaquim, junto com seus filhos, criou o maior latifúndio familiar, e fundou diversas fazendas e enriqueceu a si e aos seus.

Vejam as primeiras gravuras que retratam Barra do Piraí no século XIX, por ocasião da construção da estrada de Ferro D. Pedro II.

¹ A fazenda Santo Antonio da Olaria, ficava praticamente no perímetro urbano de São João Marco

² Canabrava Barreiros, Eduardo. *Itinerário da Independência*. José Olympio Editora, Rio de Janeiro- S. Paulo- Belo Horizonte, 1972. p. 39

³ Baumgratz, Gilson. Barra do Piraí – Cronologia Histórica. Niterói, RJ. Imprensa Oficial. 1991 p. 20 e 18



Ilustração 1. Panorama da Barra do Pirai.
Ferrez, Marc. Instituto Moreira Salles.

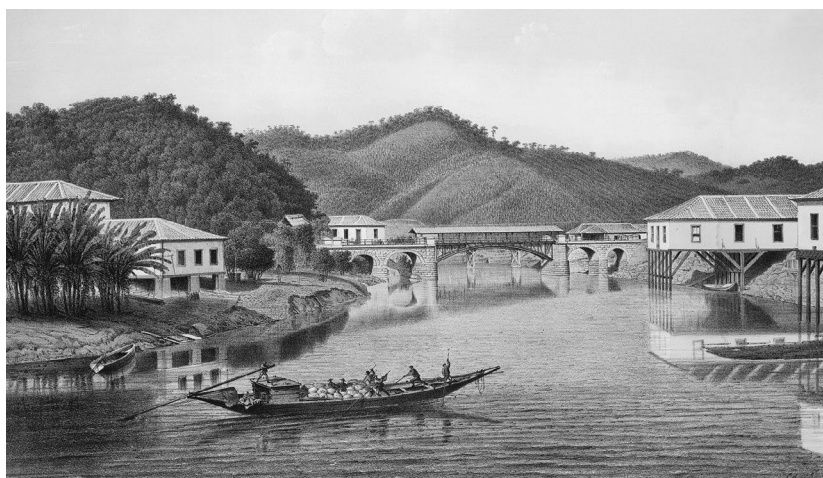


Ilustração 2. Ponte sobre o Rio Pirai. 1873.
Gravura. Linde, Carlos. Acervo Biblioteca Nacional.

Nas duas imagens, veem-se as pontes que ligavam as margens direita a esquerda do rio Paraíba, e, na segunda imagem, é importante observar a canoa que atravessava os rios, levando a produção de café. Certamente, eram preferidas pelos fazendeiros para levar a produção dos seus cafezais as barcas do que a ponte, pela qual, na travessia, eram cobrados pedágios por aqueles os quais as haviam construído. Notadamente, os Gonçalves de Moraes e os Pereira de Faro. E poucas edificações.

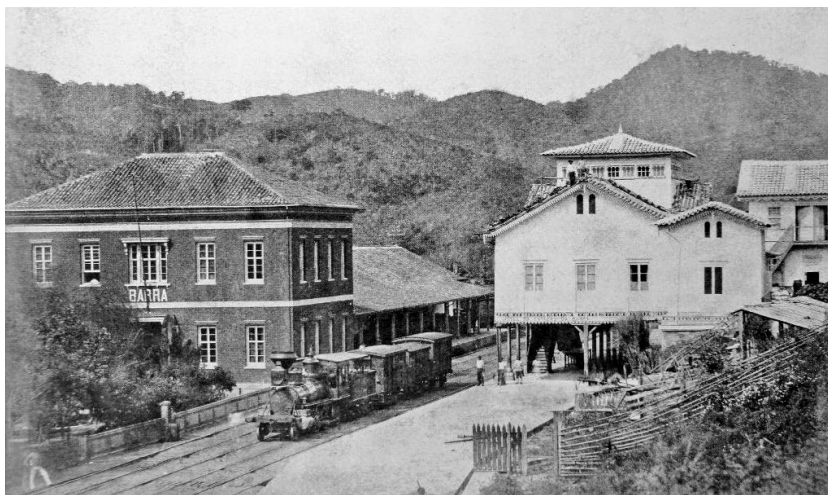


Ilustração 3: Hotel de Estação de Barra do Pirai.
Acervo Biblioteca Nacional-Digital.

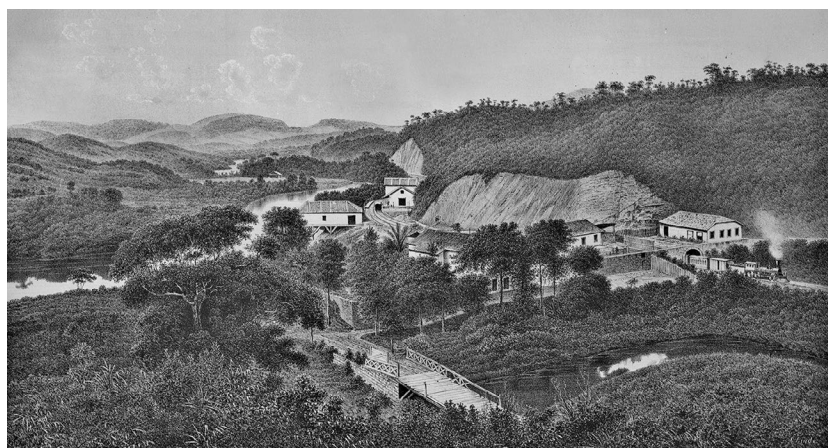


Ilustração 4: Estação Santana.
1873. Gravura. Linde, Carlos. Acervo Biblioteca Nacional.



Ilustração 5: Ponte sobre o Rio Pirai.
Malta, Augusto. Acervo Biblioteca Nacional.

Quase vinte anos mais tarde, Marc Ferres fez um registro fotográfico do panorama da cidade de Barra do Pirai, que mostra seu largo desenvolvimento urbano.



Ilustração 6: Vista de Barra do Pirai.
1880. Ferrez, Marc. Instituto Moreira Salles.



Ilustração 7: Vista de Barra do Piraí.
1880. Ferrez, Marc. Instituto Moreira Salles.

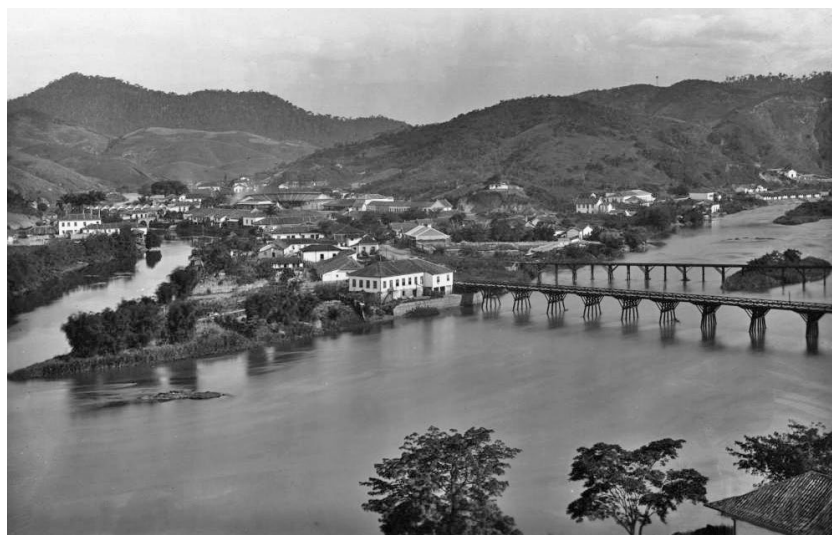


Ilustração 8: Vista de Barra do Piraí.
1880. Ferrez, Marc. Instituto Moreira Salles.

Em meio a todas essas edificações, muitas delas foram, efetivamente, construídas pelo terceiro barão do Rio Bonito, José Pereira de Faro, que estão citadas entre seus bens no capítulo dedicado a ele.

Escolhi três entre elas para ilustrar esse pequeno preâmbulo da história dessa localidade. A igreja de Santana, o chafariz conhecido, hoje, como beco da Carioca, e a casa da princesa, que, segundo consta, tem esse nome por ter sido construída para hospedar a princesa Isabel por ocasião da sua visita a barra do Piraí, afirmação esta que não encontrei em nenhuma publicação nos jornais da corte, que comprove esta teoria.

Todas essas edificações constam terem sidas inauguradas no ano de 1884, inclusive, com uma grande festa, quando se celebrou a tela feita por Victor Meirelles, de corpo inteiro do terceiro barão do Rio Bonito, colocado na sacristia da igreja⁴.

Há ainda um relato muito interessante feito por um viajante português, Antnio Lopes Mendes que além de relatar o povoado da Barra do Piraí, ainda nos legou uma bela litografia onde podemos visualizar o lugar sobressaindo a igreja de Sant'Anna, algumas edificações na mesma rua onde se vê a referida igreja, a ponte sobre o rio Paraíba do Sul e ao longe um trem aparentemente em movimento e seus casarios.

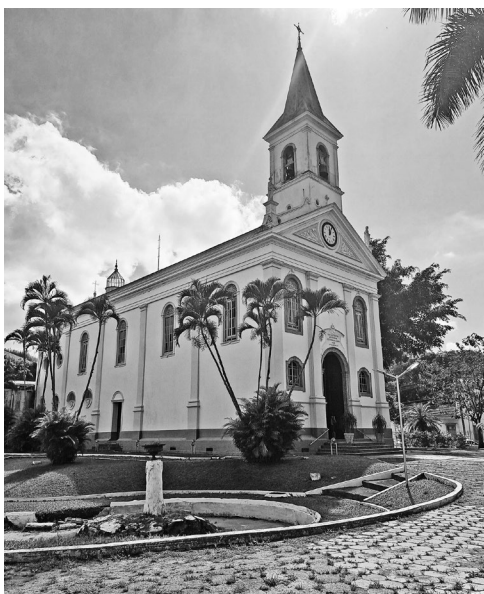


Ilustração 9: Igreja de Santana. Foto da autora.

⁴ *Gazeta de Notícias*, sexta-feira, 25 de julho de 1884

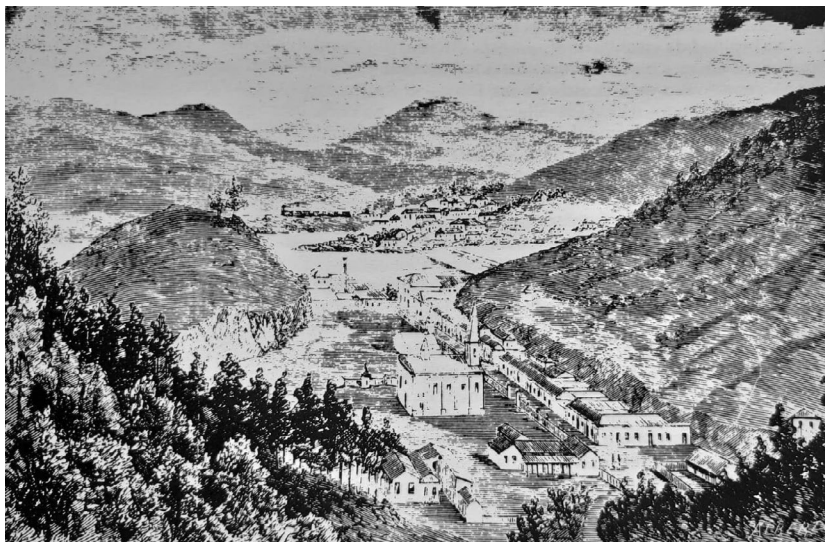


Ilustração 10: Litografia impressa no livro de Antonio Lopes Mendes ca. 1882.

Não deixa de ser interessante o relato do nosso digno viajante que assim descreve o lugar:

Começada em 1864, quando aqui chegou a estrada de ferro, conta hoje com 500 fogos com 2.000 habitantes, 4 médicos e 2 pharmacias existindo n'aquella época apenas duas casas pertencentes a fazendeiros de café, que communicavam com a côrte, S. Paulo e Santos pelo Parahyba, que deixou de ser fluvial depois que aqui chegou a estrada de ferro⁵.

E ainda acrescenta:

Divide-se em dois bairros; o da estação e o da igreja de Sant'Anna. N'este, em frente da igreja estanceia a grande fabrica de fundição de ferro á vapor pertencente ao nosso compatriota, sr. Manuel Rodrigues Alves Vianna & C^a; estando ao Sul d'esta, na margem do rio, a fabrica de produtos suínos, também a vapor, privilegiada, pertencente a

⁵ Mendes, Antonio Lopes. *América Austral. Um viajante Português no Brasil. 1882-1883.* UNIPAR (União de Indústrias Petroquímicas S. A). 1988. p.51. Col. Paulo F Geyer. Rio de Janeiro 1988

sociedade F. J. Leão e C^a. O bairro da igreja domora, na riba esquerda do Parahyba, e está ligado ao da Estação pela elegante e solida ponte de madeira, já referida, que entesta a península formada pelo Parahyba próximo da foz d'este último rio⁶.

O chafariz, de água potável, segundo consta, foi a primeira construção feita para abastecer a “povoação da Barra do Pirahy”. Construído às expensas do barão do Rio Bonito, José Pereira de Faro, que conseguiu, da assembleia legislativa da província do Rio de Janeiro em sessão de 21 de agosto de 1884, a quantia de até nove contos de réis (9:000\$000) para concluir as obras⁷.

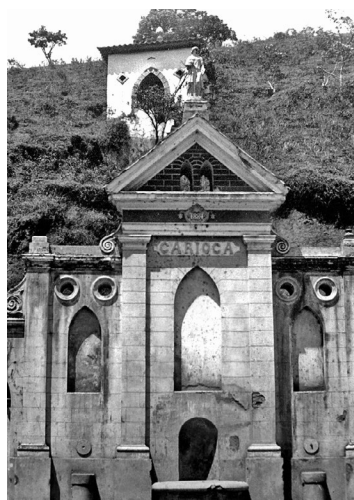


Ilustração 11: Beco da Carioca
Foto de autor desconhecido.



Ilustração 12: Paroquia de São Benedito.
Reprodução da foto publicada no livro de Baumgratz, Barra do Pirai – Cronologia histórica. 1991, p. 57.

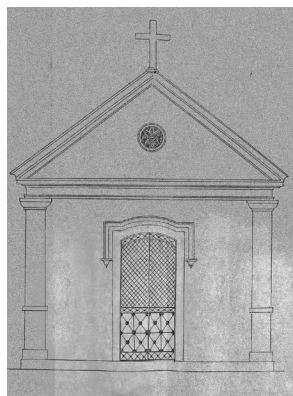


Ilustração 13: Desenho da Capela de São Benedito (cemitério da cidade).
Acervo do Arquivo Municipal de Pirai.

⁶ Idem. p.52

⁷ *Jornal do Commercio*, sexta-feira, 22 de agosto de 1884